

Uso de psicofármacos por idosos institucionalizados: aspectos epidemiológicos e frequência de quedas

Use of psychotropic drugs by institutionalized elderly people: epidemiological aspects and fall frequency

Danilo Gonçalves Dantas¹ • Karine dos Santos Carneiro Muratori Portugal¹
João Paulo da Silva Batista² • Cintia Maria Melo Mendes³ • Ítalo Arão Pereira Ribeiro⁴
Leticia Lacerda Marques⁵

RESUMO

Objetivou-se analisar os aspectos epidemiológicos e fatores associados ao consumo de psicofármacos por idosos institucionalizados. Estudo descritivo de caráter observacional, transversal e retrospectivo. Destaca-se que 51,6% dos pesquisados era do gênero feminino e 48,3%, do gênero masculino com uma média de 78,28 anos de idade; consomem 4,38 fármacos em média, da Classe N (n= 85; 70,8%) e Classe C (n= 81; 67,5%) da ATC; 70,83% fazem uso contínuo de psicotrópicos; prevaleceram as classes de doenças do aparelho circulatório (n= 88; 73,3%), bem como os transtornos mentais e comportamentais (n= 69; 57,5%) e do sistema nervoso (n= 58; 48,3%). Conclui-se que, houve maior proporção de indivíduos com diagnósticos de transtornos mentais e doenças do sistema nervoso dentre os que usavam psicotrópicos; não houve associação significativa entre gênero e a ocorrência de quedas, nem entre o uso de psicotrópicos e a ocorrência de quedas.

Palavras-chave: Idoso. Saúde do Idoso Institucionalizado. Psicotrópicos.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the epidemiological aspects and factors associated with the use of psychiatric drugs by institutionalized elderly. Descriptive observational, cross-sectional and retrospective study. It is noteworthy that 51.6% of respondents were female and 48.3% male with an average of 78.28 years old; consume 4.38 drugs on average, from Class N (n = 85; 70.8%) and Class C (n = 81; 67.5%) of ATC; 70.83% make continuous use of psychotropic drugs; circulatory system disease classes (n = 88; 73.3%) prevailed, as well as mental and behavioral disorders (n = 69; 57.5%) and nervous system disorders (n = 58; 48.3%). It was concluded that there was a higher proportion of individuals diagnosed with mental disorders and nervous system disorders among those using psychotropic drugs; There was no significant association between gender and the occurrence of falls, nor between the use of psychotropic drugs and the occurrence of falls.

KEYWORDS: Elderly. Health of the Institutionalized Elderly. Psychotropics.

NOTA

¹ Médico pelo Centro Universitário UNINOVAFAPÍ, Teresina, Piauí, Brasil. E-mail: dandan_dantas@hotmail.com, karinecarneiro.portugal@hotmail.com;

² Médico, Residente em Saúde da Família e Comunidade pela UFPI, Teresina, Piauí, Brasil. E-mail: eujbatista@gmail.com;

³ Médica, Doutora em Farmacologia pela UFC, Docente do curso de graduação em Medicina do Centro Universitário UNINOVAFAPÍ, Teresina, Piauí, Brasil. E-mail: cintiamendes@uninovafapi.edu.br

⁴ Enfermeiro, Mestre em Enfermagem pelo PPGEn/UFPI, Teresina, Piauí, Brasil. E-mail: italoarao@hotmail.com;

⁵ Enfermeira, Enfermeira Assistencial no HUPAA-UFAL, Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: leticialacerda_05@hotmail.com



INTRODUÇÃO

A combinação do aumento da expectativa de vida com a diminuição das taxas de mortalidade e de natalidade tem produzido uma maior parcela de idosos na população. No Brasil, a parcela de idosos é cada vez maior: em 1991 era de 4,8%, passando a 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ⁽¹⁾. Essa faixa etária possui características clínicas, psiquiátricas e psicodinâmicas específicas que merecem uma atenção diferenciada, não apenas do médico clínico, como também do psiquiatra. No contexto da polifarmácia do idoso, destacam-se os psicofármacos, substâncias químicas que atuam sobre a função psicológica e alteram o estado mental. Estima-se que pelo menos 13% do total de fármacos consumidos no Brasil envolva benzodiazepínicos, antidepressivos, neurolépticos, anticonvulsivantes ou estimulantes do sistema nervoso central ⁽²⁾.

Ao longo dos últimos anos, a utilização dessa classe de fármacos por idosos tem fomentado debates farmacoepidemiológicos. Isto porque se observa um aumento expressivo no consumo desses medicamentos por esses sujeitos, devido ao reconhecimento dos benefícios de sua utilização nos distúrbios afetivos, como ansiedade e depressão que, simultaneamente, também tiveram prevalência aumentada entre os idosos. Estes, porém, são mais vulneráveis aos eventos adversos relacionados aos psicotrópicos que, em muitos casos, são considerados medicamentos inapropriados ⁽³⁾.

No âmbito do consumo de psicofármacos, merecem atenção especial os pacientes internados em instituições de longa permanência para idosos (ILPI), pois é costume seu uso em quadros demenciais, depressões e distúrbios comportamentais. A prevalência do uso de psicofármacos em asilados pode chegar a 63,0%, sendo esses medicamentos usualmente prescritos por médicos não psiquiatras em decorrência da necessidade de controle comportamental, presença de depressão e transtornos do sono. Apesar de esses indivíduos institucionalizados já corresponderem a 1,5% da população brasileira, ainda são poucos os estudos sobre prescrição de psicofármacos nessa população ⁽²⁻⁴⁾.

Frente a essa realidade, o presente estudo teve como objetivo central analisar os aspectos epidemiológicos e fatores associados a quedas em idosos institucionalizados que fazem uso de psicofármacos, no município de Teresina-PI.

MÉTODO

Estudo transversal, retrospectivo realizado em quatro Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), no município de Teresina, Piauí, com amostra composta por 120 idosos.

A seleção da amostra foi realizada através de sorteio, de modo que, em cada instituição, os prontuários dos idosos foram numerados para efeito de escolha ao acaso através do programa BioStat5.3. Assim, foi obtida uma amostragem estratificada usando como critério de estratificação a instituição. Após devidas explicações sobre os métodos, os objetivos, os riscos e os benefícios do presente estudo, e com autorização do idoso ou responsável através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), realizou-se a coleta de dados no período de agosto a outubro de 2016.

Para análise dos prontuários, aplicou-se um instrumento de coleta de dados. Este inicialmente identificava o idoso através de variáveis sociodemográficas como gênero,

idade, condição civil e ocupação/profissão e situação previdenciária. Em seguida, foram investigados os aspectos clínicos e farmacoepidemiológicos quanto ao uso contínuo de medicamentos e classe a que pertencem; quanto ao uso contínuo de psicotrópicos e classe farmacológica; bem como os diagnósticos médicos. Também foi questionado o tempo da institucionalização, além do histórico de quedas nos idosos institucionalizados.

As patologias foram agrupadas através da Classificação Internacional de Doenças, 10ª Revisão (CID-10). Já os medicamentos foram classificados de acordo com o *Anatomical Therapeutic Chemical Code* (ATCC); o Dicionário de Especialidade Farmacêutica (DEF) também foi um subsídio utilizado para identificar as substâncias a partir de suas apresentações comerciais.

Por fim, os dados estatísticos formaram uma planilha no programa Microsoft Excel®, sendo posteriormente exportados para o software R versão 3.2.2 que forneceu os resultados apresentados em tabelas e foram feitos os testes estatísticos. A análise dos dados obtidos foi realizada de forma descritiva por meio da leitura das frequências absolutas (N°) e relativas (%) quando se tratou de variável categórica e pela descrição das estatísticas de posição (média) e de variabilidade (desvio padrão) quando a variável a ser analisada foi quantitativa. Ressalta-se também que o teste estatístico utilizado foi o qui-quadrado de Pearson. Os dados foram considerados significativos com valores de p abaixo de 0,05.

Este trabalho científico foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário UNINOVAFAPPI sob CAAE: 58192816.5.0000.5210.

RESULTADOS

Demonstrando inicialmente os dados sociodemográficos dos indivíduos estudados, verifica-se que a amostra foi composta por 62 idosos do gênero feminino (51,6%) e 58 idosos do gênero masculino (48,3%), com uma média de 78,28 anos de idade (mínimo de 60 e máximo de 105 anos). Tais indivíduos eram, majoritariamente, solteiros (n= 67; 55,8%), não informaram a ocupação/profissão anterior a institucionalização (n= 75; 62,5%) e aposentados (n= 85; 70,8%), como se verifica na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição dos indivíduos de acordo com gênero, estado civil, situação previdenciária e ocupação/profissão anterior a institucionalização. Teresina, Piauí. 2016.

Variável	Classificação	N	%
Gênero	Masculino	58	48,3
	Feminino	62	51,6
Estado Civil	Casado	12	10,0
	Solteiro	67	55,8
	Viúvo	19	15,8
	Divorciado	12	10,0
	União Estável	0	0,0
	Não Informado	10	8,3
Ocupação/ Profissão (Anterior a institucional- ização)	Trabalho Formal	11	9,1
	Trabalho Infor- mal	27	22,5
	Não Trabalhou	7	5,8
	Não Informado	75	62,5

Situação Previdenciária	Aposentado	85	70,8
	BPC*	22	18,3
	Sem Benefício	3	2,5
	Não Informado	10	8,3

*BPC (Benefício de Prestação Continuada)

A prevalência do uso de fármaco de modo contínuo entre os idosos pesquisados foi de 93,3% (n=112). Já a prevalência em relação ao uso contínuo de psicotrópicos foi de 70,8% (n=85). Este levantamento também encontrou uma média de 4,38 fármacos consumidos por cada idoso, com mínimo de um e máximo de 11 medicamentos. A polifarmácia, uso de cinco ou mais medicamentos, foi detectada em 42,8% (n=48) dos idosos que fazem uso contínuo de medicamentos, conforme pode ser visto na Tabela 2. Não houve associação significativa entre a classificação de gênero e uso de psicotrópicos ($p > 0,05$).

Tabela 2. Frequência e percentual de uso contínuo de medicamentos, uso contínuo de psicotrópicos e uso contínuo de psicotrópicos por gênero. Teresina, Pi. 2016.

Variável	Classificação	N	%
Uso de Medicamentos de modo contínuo	Sim	112	93,3
Uso contínuo de Psicotrópicos	Sim	85	70,8
Gênero e uso de psicotrópicos	Masculino	42	49,4
	Feminino	43	50,5
	Total	85	100

Dentre os idosos pesquisados, apenas 33 indivíduos (27,5%) sofreram alguma queda no último ano e destes 39,39% (n= 13) sofreram fratura. Daqueles que caíram, 75,76% (n= 25) faziam uso de psicotrópicos, especialmente antipsicóticos (n= 12; 10%), ansiolíticos (n= 10; 8,33%) e antidepressivos (n= 10; 8,33%); grande parte dos idosos que caíram eram do gênero feminino (n= 20; 60,61%).

Levando em conta uma possível relação entre as variáveis gênero e quedas, a maior proporção de indivíduos do gênero feminino e também masculino não apresentaram ocorrências de quedas. Logo, não houve associação significativa entre as variáveis gênero e ocorrência de queda ($p > 0,05$).

Também se demonstrou que a maior proporção de indivíduos que usaram e também não usaram psicotrópicos não apresentaram ocorrências de quedas, não havendo neste estudo associação significativa entre o uso de psicotrópicos e a ocorrência de quedas ($p > 0,05$) como verificado na Tabela 3.

Tabela 03. Distribuição dos indivíduos de acordo com a classificação do uso de psicotrópicos, gênero e ocorrência de quedas. Teresina, Pi. 2016

Variável	Classificação	Queda						P*
		Sim		Não		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Gênero	Feminino	20	32,2	42	67,6	62	51,6	0,307
	Masculino	13	22,4	45	77,5	58	48,3	
	Total	33	27,5	87	72,5	120		
Uso contínuo de psicofármacos	Sim	25	29,4	60	70,5	85	70,8	0,509
	Não	08	22,8	27	77,1	35	29,1	
	Total	33	27,5	87	72,5	120		

*Teste de qui-quadrado exato de Pearson.

Utilizando o nível I da classificação ATC para descrever os fármacos de uso contínuo nos idosos pesquisados, prevaleceram aqueles pertencentes a Classe N (n= 85; 70,8%) e a Classe C (n= 81; 67,5%), ou seja, fármacos que atuam no sistema nervoso central e no sistema cardiovascular, respectivamente.

Ainda sob o mesmo aspecto, considerando os níveis 2, 3 e 5 para classificar os psicotrópicos de uso contínuo, encontraram-se antipsicóticos (n= 49; 40,8%) e antiepiléticos (n= 45; 37,5%) como classes predominantes entre os indivíduos pesquisados. Dentre os antiepiléticos, destacou-se o uso da substância ativa clonazepam (n= 20; 16,6%); já entre os antipsicóticos, a risperidona foi a mais utilizada (n= 26; 21,6%), como ilustrado na Tabela 4.

Tabela 4. Frequência e percentual da variável classificação dos Psicotrópicos de uso contínuo (Nível 2, 3 e 5) segundo o sistema de classificação ATC da OMS. Teresina, Pi. 2016.

Classe	Fármaco	Sim	Não	%
	Olanzapina	2	118	98,3
	Zolpiden	0	120	100
	Quetiapina	3	117	97,5
	Total	49	71	59,1
Ansiolíticos	Diazepam	19	101	84,1
	Alprazolam	2	118	98,3
	Bromazepam	6	114	95
	Lorazepam	2	118	98,3
	Total	29	91	75,8
Hipnóticos e sedativos	Flunitrazepam	2	118	98,3
	Total	2	118	98,3
	Fluoxetina	3	117	97,5
	Amitriptilina	9	111	92,5
	Sertralina	3	117	97,5
	Paroxetina	1	119	99,17
	Escitalopram	12	108	90
	Mirtazapina	3	117	97,5
	Trazodona	1	119	99,17
	Duloxetina	2	118	98,33
	Total	34	86	71,67
Psicoestimulantes	Mordafinil	1	119	99,17
	Total	1	119	99,17
Medicamentos antemênica	Memantina	1	119	99,17
	Donezepila	4	116	96,67
	Total	5	115	95,83



Já considerando o uso de benzodiazepínicos nos idosos asilados que fazem uso de psicotrópicos encontrou-se uma frequência de 42,5% (n= 51), especialmente do clonazepam (n= 20; 16,5%).

Quanto à frequência e percentual dos diagnósticos médicos segundo a CID10, prevaleceram as classes de doenças do aparelho circulatório (n= 88; 73,3 %), bem como os transtornos mentais e comportamentais (n= 69; 57,5%) e do sistema nervoso (n= 58; 48,3%). Assim, as principais doenças encontradas nos idosos institucionalizados foram hipertensão arterial sistêmica (n= 61; 50,8%), distúrbios do sono (n= 43; 35,8) e depressão (n= 31; 25,8%).

Outro aspecto analisado foi o tempo de institucionalização, verificando-se uma média de 61,89 e máximo de 361 meses de internação nas ILPI. Nos idosos que fazem uso de psicotrópicos, identificaram-se como principais diagnósticos relacionados ao uso de psicofármacos as classes de transtornos mentais e comportamentais (n= 60; 70,6%), bem como as doenças do sistema nervoso (n= 56; 65,9%). Na primeira classe citada, a depressão foi a doença prevalente (n= 29; 34,1%); já na segunda, prevaleceram os distúrbios do sono (n= 40; 47,0%), como pode ser verificado na Tabela 5.

Tabela 5. Frequência e percentual das variáveis diagnósticos médicos associados ao uso de psicotrópicos. Teresina, Pi. 2016.

Classes	Doenças	Sim		Não		T
		n	%	n	%	
Transtornos mental e comportamental	Demência de Alzheimer	4	4,7	81	95,3	85
	Esquizofrenia	8	9,4	77	90,6	85
	Depressão	29	34,1	56	65,9	85
	Transtornos ansiosos	12	14,1	73	85,9	85
	Demência não especificada	4	4,7	81	95,3	85
	Transtorno afetivo bipolar	1	1,1	84	98,8	85
	Transtornos mentais devido ao uso de substâncias psicoativas	2	2,3	83	97,6	85
	Total	60	70,6	25	29,4	85
Doença do sistema nervoso	Doença de Parkinson	5	5,9	80	94,1	85
	Distúrbios do sono	40	47	45	53	85
	Epilepsia	10	11,8	75	88,2	85
	Outros	1	1,2	84	98,8	85
	Total	56	65,90	29	34,1	85

Houve associação significativa entre a classificação de diagnósticos médicos de transtornos mentais e doenças do sistema nervoso e o uso de psicotrópicos ($p < 0,001$).

DISCUSSÃO

Sobre os aspectos sociais e epidemiológicos dos sujeitos pesquisados, o estudo aqui exposto encontrou um perfil predominante de idosos asilados do gênero feminino, septuagenárias, solteiras, aposentadas, que não informaram a ocupação/profissão anterior a institucionalização e com uma média em torno de sessenta meses de internação nas ILPI. Fazendo um paralelo com outros trabalhos sobre a mesma temática, o levantamento de Soares e Rech⁽⁵⁾ traçou o perfil

convergente de idosos asilados, no qual prevaleceu o gênero feminino em sua maioria viúvas. Nos estudos de Novaes e Oliveira⁽⁶⁾, a maioria da amostra analisada era formada por homens (51,3%) e solteiros (46,7%). O gênero feminino também foi predominante no estudo de Santos et al.⁽⁷⁾ no qual 65,0% dos idosos pesquisados eram mulheres com uma média de 71,9 anos de idade.

No trabalho de Bicca e Argimon⁽⁸⁾, das 123 idosas que constituíram a amostra, a idade média foi de 79,73 anos de idade e o tempo mínimo de residência na instituição asilar foi de um ano e o máximo de 26 anos, com média em 4,02 anos (48,24 meses). Já dentre os 243 idosos que foram pesquisados por Álvares, Lima e Silva⁽⁹⁾, as mulheres também representaram a maioria da amostra com 72,8%, com uma idade média do grupo de 77,7 anos.

Sob o aspecto farmacológico, este levantamento evidenciou um consumo médio de 4,38 fármacos de uso contínuo pelos idosos asilados com presença relevante da polifarmácia e predomínio de fármacos que atuam no sistema nervoso e no sistema cardiovascular. Considerando os medicamentos psicotrópicos, destacou-se a predominância de seu uso contínuo, em particular das classes de antiepiléticos, entre os quais prevaleceu o clonazepam; e da classe de antipsicóticos, no qual a risperidona foi substância ativa mais utilizada.

Nesse sentido, o estudo de Aguiar, Lyra Junior, Silva e Marques⁽¹⁰⁾ demonstrou uma prevalência do uso de medicamentos contínuos de 87,2% e a média de medicamentos consumidos igual a 2,7, também se sobressaindo aqueles com ação no sistema cardiovascular e nervoso, observando-se a presença da polifarmácia em 18,1% dos pesquisados. No estudo de Terassi, Rissardo, Peixoto, Salci e Carreira⁽¹¹⁾, encontrou-se uma média de 5,97 medicamentos por idoso, destacando os fármacos para o sistema nervoso que representou 36,48% das prescrições, seguido do aparelho cardiovascular (23,1%), digestório e metabólico (22,9%). O subgrupo terapêutico mais prescrito, assim como neste estudo, foi o de psicolépticos, com o medicamento Haloperidol sendo o principal fármaco prescrito.

Achados semelhantes também estão presentes no estudo de Santos et al.⁽⁷⁾, no qual os idosos faziam uso de uma média de 3,63 medicamentos por idoso, com número máximo de 19, e a prevalência da prática da polifarmácia foi de 26,4%. Em relação à classificação anatômica, 38,6% dos medicamentos consumidos atuavam sobre o aparelho cardiovascular, seguindo os medicamentos com ação sobre o sistema nervoso (19,6%) e aparelho digestivo e metabolismo (17,1%).

Quanto ao uso dos psicotrópicos, independentemente do grupo ou estudo considerado, merecem destaque como fatores associados: a pior percepção de saúde, o gênero feminino, a idade avançada, as multimorbidades e a polifarmácia resultante. A maior regularidade da mulher em frequentar os serviços médicos, preocupando-se mais com a saúde, favorece a sua melhor aceitação quanto a possibilidade de utilizar psicotrópicos. A longevidade do sujeito idoso pode ser acompanhada de multimorbidades e incapacidades, além do maior sofrimento com as perdas ocorridas ao longo da vida, fatos que acabam levando ao uso desses fármacos⁽⁴⁻¹²⁾.

Assim, no trabalho de Novaes e Oliveira⁽⁶⁾, verificam-se achados compatíveis com esta pesquisa, apresentando uma prevalência de uso de psicofármacos de 98,2% sendo também os neurolépticos antipsicóticos a classe mais prescrita. Lucchetti, Granero, Pires, Gorzoni e Tamai⁽⁴⁾ constaram uso

de psicofármacos em 58,9% dos pesquisados de uma ILPI do Estado de São Paulo com uma predominância do uso de neurolépticos e antidepressivos.

Em relação aos diagnósticos médicos segundo a CID10, as classes de doenças do aparelho circulatório, seguidos pelos transtornos mentais e comportamentais e do sistema nervoso foram as mais prevalentes entre os idosos pesquisados. As principais doenças encontradas foram hipertensão arterial sistêmica, depressão e distúrbios do sono. Tais achados são ratificados pelo estudo de Aguiar et al.⁽¹⁰⁾, no qual a Hipertensão Arterial Sistêmica (61,7%) foi a condição mais prevalente, seguida por problemas circulatórios (23,4%) e distúrbios psicóticos (17,0%).

Já no levantamento de Álvares, Lima e Silva⁽⁹⁾, dentre as morbidades investigadas, as mais referidas foram doença da coluna (40%), hipertensão (37,2%) e artrite ou reumatismo (32,1%). O idoso asilado apresenta um número mais expressivo de condições crônicas de saúde, quando comparados àqueles que vivem na comunidade e tais condições causam problemas graves à população idosa, pois comprometem a capacidade funcional e a autonomia, diminuem a qualidade de vida e aumentam os custos com a atenção à saúde.

Nos idosos pesquisados neste estudo, identificaram-se como principais diagnósticos relacionados ao uso de psicotrópicos os diagnósticos de transtornos mentais e comportamentais, dentre os quais prevaleceu a depressão; seguida pela classe de doenças do sistema nervoso, nas quais os distúrbios do sono foram os mais encontrados.

Sob esse aspecto, o perfil da saúde mental dos idosos tem sido objeto constante de estudo em diferentes países. Nos Emirados Árabes Unidos, os problemas de saúde mental mais frequentes em idosos foram ansiedade, depressão e hipocondria, sendo que 5,6% dos idosos apresentavam transtorno de ansiedade. Já em Nova Delhi, Índia, um estudo realizado com amostra de 14% do total de idosos residentes encontrou 49,2% de transtornos psiquiátricos, dos quais 10,8% apresentaram ansiedade, 23,6% depressão e 11,6% demência⁽⁸⁾.

Além disso, as modificações na quantidade e qualidade do sono nesta faixa etária também afetam de forma decisiva a saúde mental do idoso. Nesse sentido, os psicotrópicos, especialmente os benzodiazepínicos, são muito úteis. Devido as suas propriedades hipnóticas e sedativas, estes fármacos são largamente utilizados para o tratamento sintomático da insônia, mostrando-se efetivos, uma vez que induzem o sono rapidamente, diminuem os despertares noturnos e aumentam o tempo total de sono e a sensação de sono reparador⁽¹³⁻¹⁴⁾.

No entanto, investigações variadas sugerem que o uso crônico de benzodiazepínicos no idoso possa implicar no agravamento do declínio cognitivo e das manifestações da doença de Alzheimer, e associam seu uso ao risco aumentado de quedas nessa população. Esses dois aspectos merecem atenção, uma vez que tanto o declínio cognitivo, quanto as quedas acarretam menor qualidade de vida para o idoso. Por esse motivo, é importante promover maior divulgação entre os profissionais de assistência a doentes acerca dos medicamentos potencialmente inapropriados para uso em idosos⁽⁶⁻¹⁶⁾.

Também se ressalta que, mesmo a depressão sendo uma entidade patológica prevalente no público estudado, percebeu-se divergência considerável entre o diagnóstico e o tratamento da depressão, uma vez que antiepiléticos e antipsicóticos, e não os antidepressivos foram os medicamentos mais usados pelos idosos. Nesse sentido, o trabalho de Mendes⁽¹⁷⁾ demonstrou

que, dentre os sujeitos que declararam usar um psicotrópico, além do benzodiazepínico, classes de medicamentos como anticonvulsivantes, antipsicóticos e neurolépticos perfizeram 20,7% dos outros psicotrópicos usados para tratar transtorno depressivo.

Portanto, afere-se que pacientes internados em ILPI precisam de maior assistência quanto ao consumo de psicofármacos, visto que são indivíduos que fazem uso mais frequente para tratamento de quadros psiquiátricos diversos. Estudos sobre o emprego desses medicamentos em idosos institucionalizados encontraram prevalências com variação entre 59,7% e 74,6%, com predomínio da prescrição de antipsicóticos. Entre idosos residentes na comunidade, essa prevalência varia de 9,3% a 37,6%, com predomínio dos benzodiazepínicos. Os idosos demenciados apresentam uma maior taxa de mortalidade entre os que recebem neurolépticos, tendo forte relação com episódios de queda⁽⁶⁻⁸⁾.

Sobre esta importante entidade citada, dentre os idosos pesquisados, 27,5% sofreram alguma queda no último ano e destes 39,3% sofreram fratura. Daqueles que caíram, a maioria eram mulheres que faziam uso de psicotrópicos, em especial antipsicóticos, ansiolíticos e antidepressivos. No entanto, não houve associação significativa entre a classificação de gênero e a ocorrência de quedas, nem quanto ao uso de psicotrópicos e a ocorrência de quedas. Tais achados foram, em parte, divergentes com a literatura consultada.

No trabalho de Gonçalves, Vieira, Siqueira e Hallal⁽¹³⁾ sobre esse tema, a prevalência de quedas entre os idosos asilados estudados foi de 38,3%. As quedas mantiveram-se associadas com cor da pele branca, com os idosos separados e divorciados, com depressão, e maior quantidade referida de medicamentos para uso contínuo. Segundo o estudo de Alvares, Lima e Silva⁽⁹⁾ sobre a ocorrência de quedas e fatores associados em idosos residentes em instituições de longa permanência para idosos, um terço dos idosos pesquisados (32,5%) sofreu pelo menos uma queda no último ano. A ocorrência de quedas foi duas vezes maior nas mulheres, nos idosos com reumatismo ou doença da coluna e naqueles que utilizavam medicação psicotrópica.

Nesse mesmo sentido, o estudo de Soares e Rech⁽⁵⁾ destacou que a prevalência de quedas na população idosa residente em ILPI é em torno de 36,5%. Os autores discorrem que os possíveis fatores associados às quedas também se relacionam a descuidada infraestrutura dos ambientes internos e externos dos asilos. Estudos como o de Fernandes, Cipriano, Bezerra e Borges⁽¹⁵⁾ alertam para um vínculo cada vez mais evidente entre a utilização de psicotrópicos e a ocorrência de quedas em idosos institucionalizados. O psicofármaco leva o idoso a cair por causar a hipotensão postural, sedação excessiva e diminuição no tempo de reação, dificuldades no equilíbrio e no caminhar, arritmias e danos a um estado de alerta cognitivo. Logo, o risco de fraturas severas acaba também sendo associado a essas drogas.

CONCLUSÃO

A realização deste estudo permite afirmar que o perfil sociodemográfico dos idosos pesquisados é de mulheres septuagenárias, solteiras e aposentadas, com um tempo de institucionalização médio de cerca de sessenta meses. Tais indivíduos são acometidos, essencialmente, por doenças do sistema cardiovascular, como HAS, além de transtornos mentais e comportamentais e do sistema nervoso, com destaque para



depressão e distúrbios do sono. Assim, 93,3% dos idosos pesquisados fazem uso de algum fármaco de modo contínuo, com média de 4,38 medicamentos por idoso, especialmente de fármacos que atuam no sistema cardiovascular e no sistema nervoso.

Quanto aos medicamentos psicotrópicos, destacou-se a predominância de seu uso contínuo, em particular das classes de anti-epiléticos, como a substância ativa clonazepam; e da classe de antipsicóticos, como a risperidona. Nesse sentido, ressalta-se ocorrência de maior proporção de indivíduos com diagnósticos médicos de transtornos mentais e doenças do sistema nervoso dentre os idosos que usavam psicotrópicos, além de associação significativa entre a classificação de diagnósticos médicos de transtornos mentais e doenças do sistema nervoso e o uso de psicotrópicos.

Ratifica-se a presença de uma entidade de morbidade do idoso: dos indivíduos pesquisados, mais de um quarto (27,5%) sofreu alguma queda no último ano e, destes, boa parte sofreu fratura (39,3%). Dos indivíduos que caíram, a maioria era de mulheres, em uso de psicotrópicos (antipsicóticos; ansiolíticos; e antidepressivos). No entanto, reitera-se que, nos achados aqui dispostos, não houve associação significativa entre a classificação de gênero e ocorrência de quedas, nem entre o uso de psicotrópicos e a ocorrência de quedas.

Ainda que de suma importância, o tema abordado possui muitas carências na literatura científica nacional. Assim, ciente de algumas limitações (como o tipo de estudo ser transversal e realização de pesquisa em prontuários) o estudo aqui disposto serve como instrumento de apoio para melhores abordagens sobre o uso de psicotrópicos, especialmente quando relacionado à saúde dos idosos institucionalizados, que merecem atenção diferenciada frente às suas particularidades. Ademais, vale ressaltar que o estudo poderá contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas na área, fomentando discussões e influenciando na elaboração de estratégias e ações para melhor entendimento e conhecimentos sobre o uso dos psicofármacos por idosos.

REFERÊNCIAS

1. Noia AS, Secoli SR, Duarte YAO, Lebrão ML, Lieber NSR. Fatores associados ao uso de psicotrópicos por idosos residentes no Município de São Paulo. *Rev. esc. enferm. USP* [internet]. 2012 [acesso em 2017 abr 28]; 46(spe): 38-43. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342012000700006.
2. Tramunt GK et al. Perfil dos pacientes idosos internados na Unidade de Psiquiatria de um hospital universitário do sul do Brasil. *Scientia Medica* [internet]. 2010 [acesso em 2017 abr 28]; 20(4): 289-291. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scientiamedica/article/viewFile/7661/5916>.
3. Sales ADF, César CC, Lima-Costa MF, Caiaffa WT. Birth cohort differences in the use of medications in a Brazilian population of older elderly: the Bambuí cohort study of aging (1997 and 2008). *Cad. Saúde Pública* [internet]. 2011 [acesso em 2017 Abr 28]; 27(3): 435-443. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011001500012.
4. Lucchetti G, Granero AL, Pires SL, Gorzoni ML, Tamai S. Fatores associados ao uso de psicofármacos em

idosos asilados. *Ver Psiquiatr. Rio Gd. Sul* [internet]. 2010 [acesso em 2017 abr 28]; 32(2): 38-43. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082010000200003.

5. Soares IGE, Rech V. Prevalência de quedas em idosos institucionalizados no Brasil: uma revisão integrativa. *Revista Kairós Gerontologia* [internet]. 2015 [acesso em 2017 abr 28]; 18(4): 47-61. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/26892>.
6. Oliveira MPF, Novaes MRCG. Uso de medicamentos por idosos de instituições de longa permanência, Brasília-DF, Brasil. *Revista Brasileira de Enfermagem* [internet]. 2012 [acesso em 2017 abr 28]; 65(5): 737-44. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672012000500004.
7. Santos TRA et al. Consumo de medicamentos por idosos, Goiânia, Brasil. *Rev Saúde Pública* [internet]. 2013 [acesso em 2017 abr 28]; 47(1): 94-103. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v47n1/13.pdf>.
8. Bicca MG, Argimon III. Habilidades cognitivas e uso de benzodiazepínicos em idosas institucionalizadas. *J. bras. psiquiatr.* [internet]. 2008 [acesso em 2017 abr 28]; 57(2): 133-138. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852008000200009&lng=en&nrm=iso.
9. Alvares LM, Lima RC, Silva RA. Ocorrência de quedas em idosos residentes em instituições de longa permanência em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cad. Saúde Pública* [internet]. 2010 [acesso em 2017 abr 28]; 26(1): 31-40. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2010000100004&lng=en&nrm=iso.
10. Aguiar PM, Lyra Junior DP, Silva DT, Marques TC. Avaliação da Farmacoterapia de Idosos residentes em Instituições Asilares no Nordeste do Brasil. *Lat. Am. J. Pharm* [internet]. 2008 [acesso em 2017 abr 28]; 27(3): 454-59. Disponível em: http://www.latamjpharm.org/trabajos/27/3/LAJOP_27_3_3_3_Z8FICZMB32.pdf.
11. Terassi M, Rissardo LK, Peixoto JS, Salci MA, Carreira L. Prevalence of drug use in institutionalized elderly: a descriptive study Online. *Brazilian Journal of Nursing* [internet]. 2012 [acesso em 2017 Abr 28]; 11(1): 36-39. Available from: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3516>.
12. Silva JC, Herzog LM. Psicofármacos e psicoterapia com idosos. *Psicologia & Sociedade* [internet]. 2015 [acesso em 2017 abr 28]; 27(2): 438-448. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v27n2/1807-0310-psoc-27-02-00438.pdf>.
13. Gonçalves LG, Vieira ST, Siqueira FV, Hallal PC. Prevalência de quedas em idosos asilados do município de Rio Grande, RS. *Rev. Saúde Pública* [internet]. 2008 [acesso em 2017 abr 28]; 42(5): 938-945. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000500021&lng=en&nrm=iso.
14. Vitorino LM, Paskulin LMG, Vianna LAC. Quality of life of seniors living in the community and in long-term care facilities: a comparative study. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [internet]. 2013 [acesso em 2017 Abr 28]; 21(spec): 3-11. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_

- arttext&pid=S0104-11692013000700002.
15. Fernandes PM, Cipriano PP, Bezerra MVM, Borges SM. Síndrome da fragilidade e sua relação com aspectos emocionais, cognitivos, físicos e funcionais em idosos institucionalizados. *Revista Kairós Gerontologia* [internet]. 2015 [acesso em 2017 abr 28]; 18(1): 163-175. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/25343>.
 16. Gonçalves SD et al. Avaliação das funções cognitivas, qualidade de sono, tempo de reação e risco de quedas em idosos institucionalizados. *Estud. interdiscipl. Envelhec.* [internet]. 2014 [acesso em 2017 abr 28]; 19(1): 95-108. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/26009>.
 17. Mendes CMM. Estudo farmacoepidemiológico de uso

e prescrição de benzodiazepínicos em Teresina [tese doutorado]. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Medicina. Programa de Pós-graduação em Farmacologia, Fortaleza; 2015.

Recebido: 2019-07-16

Aceito: 2019-08-20

